

O tempo cinzento da quaresma

A quaresma é um tempo cinzento, na aceção original da palavra. Tempo cinzento porque é inaugurado por esse rito multiseccular da imposição das cinzas. É este elemento material que dá o tom aos quarenta dias com os quais nos preparamos para a Páscoa. Aliás, nalguns ritos antigos da Igreja, até os paramentos usados na quaresma eram cinzentos (como por exemplo, no rito lionês).

Mas a coloração cinzenta não pretende emprestar a este tempo a melancolia e apatia que normalmente lhe são associadas. O cinzento quaresmal, porque nasce na experiência do Povo de Israel, é de outra ordem de grandeza: é um cinzento que significa ao mesmo tempo a fealdade do pecado, a tristeza que este em nós provoca, e o reconhecimento da nossa fragilidade.

É a Sagrada Escritura que o atesta. Assim proclama o livro da Sabedoria: «o coração do pecador é cinza, a sua esperança é mais vil que a terra» (Sab 15,10), sinal de que se deixou encher do que não tem valor. Também os profetas nos recordam que o Povo, quando escutava com sinceridade um apelo à conversão, vestia-se de saco e cobria-se de cinza, em sinal de arrependimento e penitência, afirmando desse modo tão sensível que se reconhecia frágil e desprezível, como a cinza, e confessando ao mesmo tempo que o seu verdadeiro tesouro, a sua verdadeira glória, a riqueza pela qual valia a pena viver era o próprio Deus (cf. Ez 27,30).

O cinzento quaresmal torna-se assim uma cor que anuncia uma mudança, operada pelo próprio Deus: da tristeza reconhecida à alegria esperada; do arrependimento verdadeiro ao perdão garantido; da cabeça coberta de desprezível cinza à cabeça cingida do mais precioso diadema. Aliás é o próprio profeta Isaías que o diz: «dar-lhes um diadema em vez de cinzas, o óleo da alegria em vez de vestidos de luto, cânticos de glória em lugar de desespero» (Is 61,3).

Assim o primeiro convite que vos faço nesta quaresma é que não façamos de conta que o cinzento não existe: ele está aí, bem perto de nós, aliás, dentro de nós. Reconheçamo-lo com toda a verdade.

O segundo convite que vos dirijo é que, depois de reconhecer o cinzento, desejemos mudar de cor. Tantas vezes reconhecemos o cinzento que nos habita mas queremos continuar assim, não escutando Aquele que nos diz: «Arrependei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1,15).

O terceiro e último convite é que deixemos que seja Jesus a dar outro tom à nossa vida: deixemos que Ele, com a sua graça, nos transforme e converta, sobretudo através do sacramento da confissão. E por isso repetimos a exortação de São Paulo: «Nós vos pedimos em nome de Cristo: reconciliai-vos com Deus» (2 Cor 5,20). Deste modo, afastando-nos do mal, e praticando o direito e a justiça, seremos salvos (cf. Ez 18, 27).

Desejo a todos uma cinzenta quaresma, na esperança da Páscoa luminosa!

Sempre vosso,
P. João Vergamota
Março de 2022